

MICELI, Sergio. *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2022. 264 p.

FARIA, Luis Gustavo de Paiva¹

Desde *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil* (1920-1945), cuja primeira publicação é de 1979, Sergio Miceli estabelece uma posição teórica que viria a influenciar decisivamente as áreas de pesquisa que, no Brasil, tomam a arte, a cultura, os intelectuais e os artistas como objeto de estudo. Assumindo uma posição sociológica forte (inspirada, entre outros, na sociologia da cultura de Pierre Bourdieu), definida por métodos e técnicas de farto lastro empírico, como a prosopografia, a obra de Miceli terá eco e impacto em disciplinas que vão da ciência política aos estudos literários, alcançando a área a que recentemente chama-se de pensamento social brasileiro². Em “O intelectual modernista revisitado”, Silviano Santiago (2002, p. 194) argumenta que é Miceli, com a referida obra, “[...] quem primeiro tocou com gosto na chaga modernista, que parecia cicatrizada para todo o sempre em virtude do pendor legitimamente revolucionário que transparecia nas obras propriamente literárias do tempo”, antecipando, em algumas décadas, debates que vêm se acirrando ao longo da última década e, em particular, agora, 2022, com o centenário da Semana de Arte Moderna.

Em uma entrevista relativamente recente, publicada em 2016, a prática de pesquisa de Miceli é resumida em poucas palavras pelo próprio autor, que relata:

Quando comecei o trabalho para o doutorado, eu lia os romances, as obras, a poesia dos modernistas e, em paralelo, lia também as biografias, as autobiografias. Eram duas frentes de indagação, e fui me dando conta de que os avanços da argumentação foram dependendo mais das fontes biográficas e autobiográficas do que das obras. Não que

¹ Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e graduado em Ciências Sociais pela mesma instituição. Contato: lgpaivafaria@gmail.com. OrcidID: <http://orcid.org/0000-0003-0603-4642>.

² Em “Cinco questões sobre o pensamento social brasileiro”, Lilia Schwarcz e André Botelho (2011) trazem respostas de doze pesquisadores eminentes na área de pensamento social brasileiro. Entre eles está Sergio Miceli, representante mais ou menos declarado de uma abordagem “contextualista” cujo fundamento está na sociologia da cultura e dos intelectuais.

as obras não tivessem importância, mas não me pareceram suficientes para compor o retrato coletivo dos intelectuais. De fato, em vista dos alvos que estava perseguindo, as obras por vezes se interpunham como cabresto. Em suma, os textos literários validavam os achados, sem dar conta do retrato coletivo do grupo.

A abordagem, caracterizada como “contextualista”, assume de antemão uma separação entre texto e contexto, enfocando o segundo termo da expressão e assumindo uma chave de condicionamento que vai do segundo ao primeiro, sem volta. Em *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*, publicada em 2022 pela editora Todavia, mais recente obra de Miceli, o sociólogo brasileiro não abre mão dessa perspectiva, mas parece, segundo a leitura aqui proposta, flexibilizar certos princípios teóricos e práticas de pesquisa que, em momentos anteriores, dificilmente poderiam ser negociados.

A obra é composta por três ensaios independentes, com temáticas que se concentram nas elites política e intelectual brasileira da primeira metade do século XX. O segundo e o terceiro ensaio, “Experiência social e imaginário literário nos livros de estreia dos modernistas em São Paulo” e “Carne e osso da elite política brasileira pós-1930”, respectivamente, foram recolhidos de publicações anteriores, “tendo agora merecido reescrita cuidadosa”, nas palavras do autor (MICELI, 2022, p. 9). Por sua vez, o primeiro texto, “Lira mensageira”, ensaio inédito, de maior fôlego, que dá título ao volume, funciona como uma espécie de síntese dos temas enfocados nos textos seguintes, isto é, elites intelectuais e elites políticas, respectivamente. Trazendo seu interesse para o modernismo mineiro e, em particular, para a trajetória de Carlos Drummond de Andrade, Miceli (2022) transita (e enlaça) esferas que vão da economia à família, passando pela sociabilidade dos jovens do chamado grupo Estrela, fundamental para a compreensão do modernismo em Minas Gerais:

O aprendizado político da primeira geração de modernistas mineiros ocorreu em meio aos embates e às controvérsias entre facções da elite dirigente estadual. Devido ao ingresso recente em postos de confiança no serviço público, a braços com o fogaréu de rivalidades, os jovens do grupo Estrela — rapazes letrados que se reuniam no café Estrela, em Belo Horizonte — logo se viram no alvo de expectativas de lealdade a líderes em confronto acerbo e amargaram o despacho de tarefas políticas algo intragáveis (MICELI, 2022, p. 15).

Para Miceli (2022), os “padrões de enlace entre a economia e a política” (MICELI, 2022, p. 15) nas primeiras décadas do século XX, em Minas Gerais, seriam caracterizados pelo

domínio oligárquico e por um regime clientelista, constituindo um “pano de fundo em meio ao qual teve lugar a socialização política” (MICELI, 2022, p. 15) de intelectuais, futuros políticos e escritores, que compunham o grupo Estrela, entre os quais: Gustavo Capanema, Francisco Campos, Pedro Nava, Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade. Os “integrantes” do grupo, em sua maior parte pertencentes a famílias que compunham as oligarquias mineiras, “lograram firmar um relacionamento simétrico, convergente, balanceado, o qual se movia pelo intento do socorro mútuo, pelos préstimos de solidariedade, pelo desfrute de vantagens ‘merecidas’” (MICELI, 2022, p. 25).

No entanto, argumenta Miceli (2022), um valor que parecia restrito à esfera afetiva, mostra-se, no desenrolar das trajetórias sociais dos “membros”, imerso em uma lógica de relações que revolvem à dominação oligárquica e ao clientelismo mineiros de início do século, sendo parte, igualmente, das manifestações artísticas e intelectuais produzidas pelos jovens que compuseram o modernismo em Minas: “Os integrantes da fraternidade testaram as chances de futuro à medida que infundiam veleidades, de início difusas, indeterminadas, ao rumo de encaixe na divisão do trabalho de dominação” (MICELI, 2022, p. 25-26).

A inserção dos políticos e dos intelectuais do Estrela na vida política e econômica das elites mineiras, pouco a pouco, na perspectiva do autor, “denegam as relações de subordinação pela névoa da amizade, tópos do desapego”, ocultando, à primeira vista, “as regras incontornáveis do modus vivendi oligárquico” (MICELI, 2022, p. 26). O fluxo de relações entre amizade, intelectualidade e política, entre educação sentimental, produção de ideias e atuação profissional no âmbito do Estado dão o tom da análise de Miceli (2022) sobre o modernismo mineiro e seus atores, ressaltando, ao longo de todo o ensaio,

[...] [a] indissolubilidade entre a labuta política asfixiante e as feições do projeto intelectual transpira nas inflexões da arte poética, na linguagem cifrada dos preitos de admiração e das marcas de distância, nas dedicatórias, na reflexividade da escrita, no espectro variável dos veios temáticos e, sobretudo, no jogo esperto entre escapismo e loquacidade em matéria de pronunciamento social e político (MICELI, 2022, p. 33)

Explorada nas seções iniciais e finais do ensaio, a lógica produzida pelas relações entre projeto intelectual, produções literárias e inserção estatal, sempre ancorada no clientelismo entre políticos e escritores, será, para o autor, uma marca distintiva da experiência histórica do

modernismo em Minas Gerais, distinguindo o Estrela como “o único grupo homogêneo e autárquico do modernismo a operar, em décadas de atividade, em redes de cumplicidade sob beneplácito estatal” (MICELI, 2022, p. 32). De acordo com o autor, isso ocorreria tanto em âmbito estadual, na juventude, através da troca de cargos e favores com oligarquias mineiras, como em âmbito federal, na maturidade, durante a vigência do Estado Novo, da qual se destaca a inserção dos integrantes do Estrela no clássico Ministério da Educação e Saúde (1934-1945) comandado por Gustavo Capanema, ele mesmo um integrante do grupo de intelectuais modernistas de Minas Gerais, tendo Carlos Drummond de Andrade como chefe de gabinete do ministério.

Até aqui, não estamos longe de uma abordagem contextualista forte, espalhada ao longo de todo o ensaio e aguçada em determinadas seções, como em “As fontes e os intérpretes”, na qual Miceli (2022) revisa a produção bibliográfica sobre o modernismo mineiro e sobre a obra de Drummond, guardando destaque à importância de sociólogos e historiadores, particularmente à “esquecida” contribuição de Fernando Correia Dias, e críticas mais ácidas ao trabalho de críticos literários, que “costumam adotar clausuras interpretativas que não conversam com a história e a sociologia”, à exceção de John Gledson, “salvo” por sua postura positiva em relação “a constrições extraliterárias”, cuja consideração “[...] advém do aceite de motivações de ordem biográfica e, por conseguinte, de vetores de caráter político na leitura compreensiva e diacrônica dos poemas [de Drummond]” (MICELI, 2022, p. 128).

Afora a rigidez de sua posição histórico-sociológica, ademais marca distintiva do autor ao longo de sua obra, a discussão e os argumentos oferecidos por Miceli (2022) são originais e fundamentais para a caracterização do modernismo mineiro. O autor destaca, em particular, suas diferenças em relação a outras regiões e a outros grupos de artistas e intelectuais, como a geração do modernismo paulista, marcada por outra configuração nas relações entre arte, intelectualidade, economia e política: “Em lugar da sociabilidade emproada nos círculos da alta roda paulista, do trânsito compulsório em clubes e salões, [...] os rapazes do Estrela estavam rendidos à tutela e à agenda de mentores cujos cacifes de ingerência dependiam da provisão de recursos governamentais” (MICELI, 2022, p. 132-133).

Em determinados momentos do ensaio, porém, sobretudo para tratar da obra e da trajetória de Drummond, o sociólogo lança mão de postulados que, se não são incomuns, ao menos marcam uma inflexão no modo de enxergar as relações entre literatura e sociedade, apostando em um grau de autonomia relativa da literatura enquanto manifestação artístico-intelectual:

Não se trata, pois, de entender o teor de denúncia bombástica em *Sentimento do mundo*, mas de rastrear as circunstâncias, internalizadas, a moldar o gume expressivo negociado em verso. Negligenciar a paráfrase em prol da metástase. A resposta da prática literária às injunções políticas reprocessa, em linguagem de convenções partilhadas, o remoinho de experiências convulsivas, em confronto com embates e primazias no interior do campo intelectual. Mesmo em conjuntura de autonomia rebaixada, como no caso em pauta, a atividade literária opera conforme exigências próprias de violência simbólica (MICELI, 2022, p. 33)

Assim também, o modo de conceber as relações entre indivíduo e sociedade ou, de modo mais específico, entre Drummond e seu contexto, não dá destaque apenas às regularidades da “educação sentimental e política” (MICELI, 2022, p. 45) do poeta em relação aos políticos e escritores do Estrela ou à cooptação intelectual pelo Estado Novo, mas, precisamente, aos pontos desviantes, à margem de agência e reflexividade do sujeito em meio aos campos político, intelectual e literário em que estava inserido:

Ao esposar o verso em meio ao surto do romance como gênero dominante no campo intelectual da década de 1930, Drummond o fez passando ao largo das redomas estéticas e temáticas dos contemporâneos. Desde o livro de estreia, apostou em pegada forte no mundo social e na postura reflexiva em matéria de ars poetica. Resistir à maré ficcional impunha habilitar a poesia ao combate discursivo, ciente dos atavios preciosistas inerentes ao paradigma lírico e do pedágio forçoso à expertise. Ele testou habilidades expressivas em meio a entraves que não garantiam desfecho seguro, à altura das expectativas familiares e das suas veleidades (MICELI, 2022, p. 40).

Diferentemente dos integrantes do Estrela, Drummond não possuía um “[...] capital de relações sociais de vulto, tampouco de pistolões de calibre em âmbito municipal” (MICELI, 2022, p. 38-39). Assim, “a obra [do poeta] foi se edificando em derivas de percurso, em vislumbre de destinos alheios, disciplinada pelo manejo de virtuose aprendiz das convenções literárias” (MICELI, 2022, p. 39). O sujeito e o poeta “fez da necessidade virtude pela via autodidata e

resguardou a obra, desde a estreia chancelada pela Imprensa Oficial, da corrosão político-burocrática” (MICELI, 2022, p. 44).

É assim, visando a um equilíbrio de relações entre literatura, sujeito e sociedade, que Miceli (2022), na maior e mais detalhada seção do ensaio, intitulada “Poesia e práxis de Drummond (1930-45)”, faz um exame panorâmico, mas detido, da poesia de Drummond, sem “[...] confiar à forma o alvará de excelência” nem tratar o poeta “como semideus com poderes de transubstanciação, gênio infenso a provações, vocal em sustenido de perfeição”, mas, ao mesmo tempo, associando os elementos histórico-sociais ao “manancial instigante de poesia fora de esquadro” e à “resposta de Drummond em meio a constrições a que não podia se furtar” (MICELI, 2022, p. 59).

Passando individualmente pelos poemas que cobrem o espectro temporal anunciado, de *Alguma poesia* (1930) a *A rosa do povo* (1945), Miceli (2022) aposta na paráfrase, raramente trazendo versos ou estrofes dos poemas, o que poderia enriquecer a análise, que se concentra no conteúdo e parece se esforçar para não recair em considerações estético-formais (o que justifica a opção pela paráfrase), embora, em momentos profícuos, o sociólogo faça juízos de gosto, dissolvendo ou, ao menos, não se preocupando com uma fronteira rígida entre crítica e sociologia. Nesses momentos, o sociólogo não parece se restringir apenas à dimensão biográfica ou documental da obra do poeta, mas pensá-la, também, a partir das sucessivas mudanças no eu-lírico drummondiano, quando avalia, por exemplo, *Sentimento do mundo*: “Em vez do ego irônico e mordaz de *Alguma poesia*, ou do ser atormentado e engenhoso de *Brejo das almas*, emerge o tribuno imbuído pela missão de denunciar as mazelas do mundo (MICELI, 2022, p. 25).

Seguindo essa tendência, sempre associada a pontuações mais especificamente sociológicas³, ao referir-se a “Noturno à janela do apartamento” e a “Dentaduras duplas”, poemas de *Sentimento do mundo*, Miceli (2022, p. 76) opina: “A meu juízo, os dois melhores poemas do volume destoam por completo do cantochão denunciatório e, de lambujem, esboçam

³ “Em *Sentimento do mundo*, os dispositivos de escrita servem aos intentos de Drummond na cena literária e no xadrez de circunstâncias incômodas. Premido pelo assédio dos católicos, pelo acirramento da peleja doutrinária, pela duplicidade de filiações ambivalentes, a práxis materialista do poeta alvejou o credo nefelibata dos concorrentes e cortejou a audiência dos opositores intramuros do regime” (MICELI, 2022, p. 78).

um ego autoral instigado pelo entorno e sem pejo pela dor ressentida”. Insights e expressões como “*Sentimento do mundo* aglutina a persona lírica e o duplo político” (MICELI, 2022, p. 75) ou “a lente reflexiva” (MICELI, 2022, p. 25), referindo-se aos poemas da coletânea *José*, não se restringem a uma análise sociológica do conteúdo, embora esta seja predominante, mas oferecem registros interpretativos do ponto de vista crítico-literário, o que, mais do que mudanças de registro disciplinar, apontaria para uma maneira específica de conceber as relações entre literatura, sujeito e sociedade, às vezes alcançando uma reciprocidade produtiva entre as esferas.

Em *Lira mensageira*, Miceli (2022) oferece uma contribuição valiosa para a compreensão do modernismo em Minas Gerais, que certamente encontra ampla receptividade em diferentes áreas de pesquisa, dos estudos literários (teoria, crítica e historiografia) ao pensamento social brasileiro, sobretudo em um momento em que os legados, as narrativas e os cânones são colocados em discussão pelo interesse em deslocar a ênfase estrita na experiência paulista do modernismo. Miceli (2022) o faz, predominantemente, a partir de uma abordagem contextualista assentada em pesquisa empírica sistemática, mas, segundo a tentativa de leitura aqui proposta, não se restringe aí, extrapolando, em momentos profícuos, para *insights* que se aproximam da crítica literária, dissolvendo algo da rigidez que separa crítica-sociologia, forma-conteúdo, estética-ideologia, literatura-sociedade.

Referências

MICELI, Sergio. “Era um negócio artesanal e a gente tinha gosto de fazer” Entrevista concedida a João Paulo Lima e Silva Filho. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 36, n. 2, p. 481-502, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8647921>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SANTIAGO, Silviano. O intelectual modernista revisitado. In: *Nas malhas nas letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 193-205.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Simpósio: cinco questões sobre o pensamento social brasileiro. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. 2011, n. 82, pp. 139-159. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/KxjwYKtxfw7cDt7v8P35ZNq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 nov. 2022.